

Os Significantes e os Significados na Interpretação Semântica em textos de Mário Sá Carneiro e J.[Osé] D'Almada Negreiros

Autores:

-Isabel Barahona da Fonseca*, José Carlos Tiago**, José Barahona da Fonseca*** e J. S. da Fonseca****

INTRODUÇÃO

Diz-se que Almada, um dos autores deste trabalho, considerava que, para Os do Orfeu, o poeta era Mário de Sá Carneiro, Fernando Pessoa, o pensador e José de Almada Negreiros, ele próprio, também se considerava mais poeta que pintor ou desenhador.

Por influência de um dos presentes junto de Roman Jacobsons, e não por influência de Câmara, do Brasil, descobriu (**quem?**) a poesia de Fernando Pessoa e publicou em 1968 um artigo na revista “Language” que tornou o seu nome conhecido nos meios artísticos de todo o mundo. O destino destes três artistas foi bem diferente: Fernando Pessoa usou os Heterónimos para explorar a mente portuguesa em todos os sentidos e dimensões (carta a Jaime Cortesão); Mário de Sá Carneiro executou o projecto de procurar atingir o impossível na sua vida e expressão literária –suicida-se com estricnina extemporaneamente- ; José de Almada Negreiros realiza o projecto de intervenção na sociedade portuguesa, quer com obras relativamente convencionais como “A Invenção do Dia Claro”, “Em Sentido Único”, “Pierrot e Arlequim”, “Deseja-se Mulher”, “Prometeu”, “A Revista Sudoeste”, o romance “Judite, nome de guerra” e as suas múltiplas intervenções acerca dos painéis de São Vicente e dos painéis da Gare Marítima de Alcântara e da Rocha Conde de Óbidos e ainda de uma extensa obra de pintura de cavalete e de desenho.

Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro tinham uma consciência muito clara acerca do seu génio e do significado da sua obra, parafraseando-os. Portugal não teve nem um Shakspear nem um Goethe mas, nas suas próprias palavras, teve-os a eles.

O nosso propósito não é no entanto o de examinar a obra literária em si, apesar do seu extraordinário valor, mas sim aproveitar a extraordinária precisão conceptual com que escreveram e servirmo-nos desses textos como um guia no estudo das relações entre significante e significado, na análise do português falado ou escrito, literário ou comum.

No texto anterior, J. Barahona da Fonseca, Isabel Barahona da Fonseca e J. S. da Fonseca, examinaram três odes de Ricardo Reis, identificando uma estrutura algébrica de base-Corpos de Galois,(2)-CG,(2), a teoria das redes neuronais artificiais Cullock e Pits, a teoria dos Shiftregisters (registos deslizantes) e ainda a caracterização das redes neuronais em termos dos componentes de um Anel de –N Tuflos, onde é definida uma distância de Hamming. O significado nesta perspectiva teórica, passa a ser definido por matrizes de transição de estados de uma rede, com componentes -0- e -1- e um

* _Faculdade de Psicologia, UL, Pt;

** _U. Évora, Pt;

*** _Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova, Pt;

**** _Centro de Filosofia e Ciência, FC, UL, Pt

conjunto bem ordenado de componentes de significado. Geram-se assim formas lineares que transportam parcelas do significado que corresponde ao significante constituído pelo texto. Por outras palavras, o autor literário ou o alocutório, não fornecem directamente os conceitos que querem exprimir, através da sua designação directa através de significados. Pelo contrário, a transmissão do significado que querem exprimir é feita exclusivamente através do significante cujo conteúdo empírico só é acessível ao autor na sua integralidade e que o interpretante tem que reconstituir através da sua própria construção de um conjunto de significados correspondentes que depois poderão constituir significantes para outros intervenientes na comunicação com o operante, sendo questionável e mesmo altamente improvável que haja universos semânticos sendo antes mais provável a existência de um relativismo cultural como propôs Benjamin Whorf.

Não deixa de ser irónico que sendo absolutamente certo que Deus deu a palavra ao Homem para que pudesse mentir –dos outros seres vivos nenhum deles mente- tenha deixado para ele também a penosa tarefa de descobrir o que é a verdade, quando existe a intenção manifesta de a exprimir.

É certo que dispomos de apoios para interpretação de textos nomeadamente de estruturas generativas e transfonacionais propostas por Noam Chomsky para a gramática, a proposta de características distintivas para os fonemas feita por Roman Jakobson que transformam a fala numa tarefa fonética numa tarefa fonológica. Resta como problema imediato a identificação do significado ou sentido da expressão linguística. Aproximemo-nos um pouco mais do próprio sentido do significado: a lógica formal tal como foi, por exemplo, definida por Helbert e Ackermann é uma lógica denotativa de designações sobre as quais se opera mas de que nada se diz ou sabe. Não se opera sobre objectos ou seres mas por assim dizer só sobre etiquetas. É uma pura sintaxe lógica. Do que precisamos é de uma semântica lógica como já foi tentado por Kanap, Quine e Church entre outros.

No nosso ponto de vista, somos forçados a admitir a existência de uma lógica de significados que tem simultaneamente uma dimensão de significação e uma dimensão de extensão. Esta última pode ter os valores, verdadeiro ou falso de 1(um) a 0(zero). Diferentemente a dimensão de significado ou conotativa pode ser tão complexa que tenhamos de afirmar que as operações do produto lógico conotativo são em princípio operações abertas –o produto lógico de um elefante por uma girafa, um tigre, um crocodilo, etc., não tem significado, ou terá? Com um pouco de imaginação, sim: esse produto lógico tem um referente real global, um conceito mesmo –o Jardim Zoológico de Lisboa. Mas noutros casos haverá um vazio significativo como por exemplo: esperemos que eventualmente o conceito de árvore saltadora olímpica. Já não dizemos Selecção Portuguesa de Futebol, campeã do mundo, o que é manifestamente uma impossibilidade. O que acontece quando um dos componentes do produto lógico é falso e os outros verdadeiros de um ponto de vista conotativo? A resposta é simples. Se tivermos o exemplo de a água do mar salgada, é uma expressão que passa a ser falsa se a água for doce e, todavia, a água do mar continua a ser verdadeiro do ponto de vista lógico exprimindo uma condição geográfica. Mas um conceito novo, por exemplo, na foz de um rio a salinidade é muito menor do que longe da costa. **A fluvialidade da água mantém-se próxima de 1(um) desde a nascente do rio até ao ponto em que é detectável a salinidade provinda do mar que começa a crescer ao mesmo tempo que a fluvialidade decresce.** Temos, assim, que na foz a qualidade marítima da água não tem igual

intensidade, ou seja, não é tão do mar como a água do alto mar, ou seja, numa escala entre 0(zero) e 1(um). a água do rio tem uma qualidade marítima zero na nascente e a partir da aproximação da foz vai tendo uma qualidade marítima cada vez mais intensa, dimensional e não categorial nas relações Fuzzy de Zadeh. Temos, portanto, ou que a proposição é falsa conotativamente ou que é verdadeira mas menos saturada na qualidade de ser marítima. **Estas características são independentes da verdade ou falsidade denotativa que constituem dimensões ortogonais que dizem apenas respeito à relações Fuzzy no sentido de Zadeh.** É difícil no entanto dizer na intuição comum que não é água do mar apesar de não ser salgada. E, portanto, ou podemos ter uma variação independente categorial ou uma variação independente dimensional. **Deverá notar-se .que a operação de produto conotativo é em sentido denotativo, comutativo e associativo e pode admitir-se que cada elemento tem um simétrico e que o produto de uma componente pelo seu inverso tem um valor -1(menos um).**

Um aspecto importante é o de, ao enriquecer a estrutura linguística com estas propriedades algébricas, podemos definir uma convergência de Liapunov, que corresponderá no início do poema a um maior empenhamento e veemência do texto que se irá atenuando até ao final, convergindo para 0(zero), o que corresponderá ao fim do texto.

Deixa-se como exercício verificar que para as outras [...] lógicas essenciais o problema não é diferente.

Pense-se no caso da implicação, no caso da negação, no, ou, exclusivo ou no Sheffers Stroke.

Não estamos no entanto a satisfazer-mo-nos com nenhuma destas afirmações. O mais provável é que o quadro categorial da significação terá que ser diferente: uma possibilidade é dizer que nas diferenças individuais entre cada um dos falantes existe no entanto um grau de comunalidade ou uma parte invariante na comunicação que permite a compreensão por todos. Poderemos então dizer que o facto de as diferentes expressões linguísticas conterem um mesmo significado de aproximadamente o mesmo significando, é o mesmo que dizer que elas constituem uma classe(?) de equivalência em sentido matemático rigoroso, análogo ao da frequência(?) de Kleien da Universidade de Erlangen. Surge então um outro problema a resolver que consiste em existirem distâncias entre funções características de cada um dos membros da classe de equivalência ou de subconjuntos do conjunto da classe de equivalência: -este é um problema para ser resolvido pela topologia ou pela análise funcional.

II

“Quasi” de Mário de Sá Carneiro